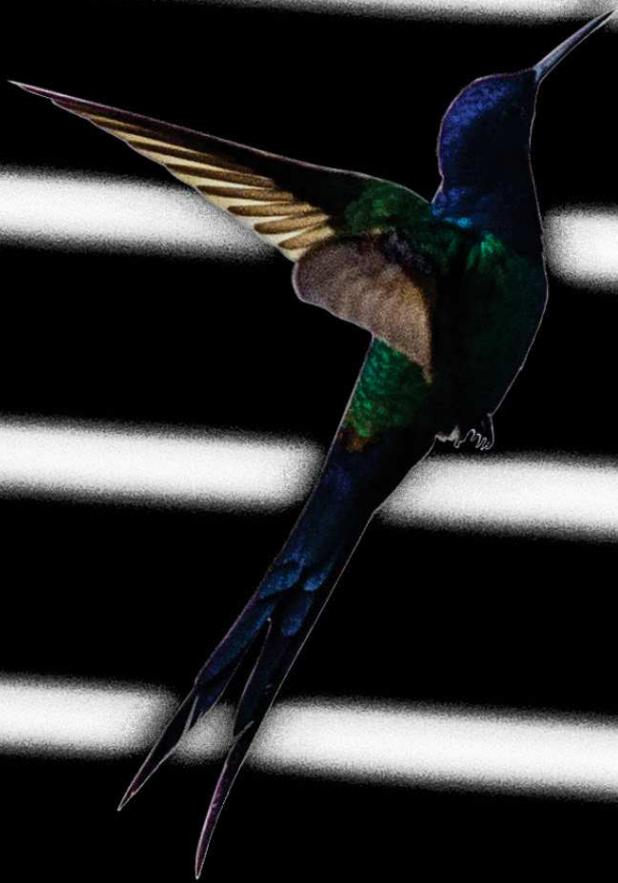


ARQUIVO PANDEMIA

Diários íntimos,
recortes poéticos,
históricos,
geográficos,
políticos,
antropológicos,
artísticos,
psicossociais
do isolamento.



(EDITORAufmg)

ANDRÉA CASA NOVA MAIA
VERA CASA NOVA (ORGS.)

VOLUME
2

Uma política poética. Um dia vivido ou alguma criação realizada durante essa época dramática de pandemia. Textos, desenhos, fotografias, recortes, citações, poesias. Registros de inquietações. Nossa paralisia e nosso movimento. Textos-potência, evidenciando sensibilidades e subjetividades reveladas na pergunta que não quer calar: o que fazer?

Textos-memória, singularizando o tempo de cada sujeito isolado. A memória e a palavra, o gesto. Livro-arquivo. Como nos representamos? Cada texto é um corpo exposto. Beirando a estética e a política num tempo de gestos sobreviventes.

Para quem quer um arquivo de imagens e textos testemunhais ou ficcionais sobre a experiência de isolamento durante os meses de março, abril e maio de 2020, este é o livro perfeito. Revela parte do que nos aconteceu/acontece durante a pandemia. Pedimos aos convidados para enviarem páginas sobre um dia vivido ou alguma criação realizada durante essa época dramática. Textos, desenhos, fotografias, recortes, citações, poesias. Uma pequena coletânea-coleção, um arquivo de memórias vividas na realidade ou na imaginação de artistas, literatos, historiadores, antropólogos, filósofos, sociólogos, psicólogos, geógrafos, comunicólogos... Gente de carne e osso.

Metáforas e metonímias que não cabem somente em versos, mas que se fazem presentes também nas narrativas histórico-antropológicas e visuais, literárias, teóricas, enfim, nos variados campos da linguagem.

Perdas e faltas habitam nosso tempo excessivamente durante uma pandemia tornada guerra. E como numa guerra se levantam gestos, num movimento de fluxos e refluxos. O que leremos aqui é o que Benjamin chama de uma política poética. Aqui, acolá, num texto ou noutro, numa espécie de materialismo antropológico que é capaz de agarrar esse momento de absoluta tensão, manifesta como uma enervação do corpo coletivo, uma histeria generalizada, vista através das redes sociais.

As organizadoras

ARQUIVO PANDEMIA

Diários íntimos,
recortes poéticos,
históricos,
geográficos,
políticos,
antropológicos,
artísticos,
psicossociais do isolamento

Volume 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

REITORA Sandra Regina Goulart Almeida
VICE-REITOR Alessandro Fernandes Moreira

EDITORA UFMG

DIRETOR Flavio de Lemos Carsalade
VICE-DIRETORA Camila Figueiredo

Flavio de Lemos Carsalade (PRESIDENTE)

Ana Carina Utsch Terra

Antônio de Pinho Marques Júnior

Antônio Luiz Pinho Ribeiro

Camila Figueiredo

Carla Viana Coscarelli

Cássio Eduardo Viana Hissa

César Geraldo Guimarães

Eduardo da Motta e Albuquerque

Élder Antônio Sousa e Paiva

Helena Lopes da Silva

João André Alves Lança

João Antônio de Paula

José Luiz Borges Horta

Lira Córdova

Maria Alice de Lima Gomes Nogueira

Maria de Fátima Cardoso Gomes

Renato Alves Ribeiro Neto

Ricardo Hiroshi Caldeira Takahashi

Rodrigo Patto Sá Motta

Sergio Alcides Pereira do Amaral

Sônia Micussi Simões

Andréa Casa Nova Maia

Vera Casa Nova

Organizadoras

ARQUIVO PANDEMIA

Diários íntimos,
recortes poéticos,
históricos,
geográficos,
políticos,
antropológicos,
artísticos,
psicossociais do isolamento

Volume 2

(EDITORAufmg)

© 2020, As organizadoras

© 2020, Editora UFMG

Este livro, ou parte dele, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita do Editor.

A772 Arquivo pandemia : diários íntimos, recortes poéticos, históricos, geográficos, políticos, antropológicos, artísticos, psicossociais do isolamento: volume 2 / Andréa Casa Nova Maia, Vera Casa Nova, organizadoras. - Belo Horizonte : Editora UFMG, 2020.

511 p. : il.

ISBN: 978-65-5858-003-4

1. Literatura brasileira. - 2. Epidemia - História. - 3. COVID-19 (Doença). 4. Civilização - História I. Maia, Andréa Casa Nova. II. Casa Nova, Vera. III. Série.

CDD: B869.3

CDU: 869.0(81)-3

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390

COORDENAÇÃO EDITORIAL Jerônimo Coelho

DIREITOS AUTORAIS Anne Caroline Silva

ASSISTÊNCIA EDITORIAL Eliane Sousa

PROJETO GRÁFICO e FORMATAÇÃO Alessandra Magalhães

MONTAGEM DE CAPA Humberto Bianchi

IMAGEM DE CAPA Alex Carvalho

PRODUÇÃO GRÁFICA Warren Marilac

EDITORA UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627 - CAD II / Bloco III

Campus Pampulha - 31270-901 - Belo Horizonte/MG

Tel: + 55 31 3409-4650 - www.editoraufmg.com.br - editora@ufmg.br

Sumário

Apresentação <u>Sacudindo a potência em nós!</u> Andréa Casa Nova Maia e Vera Casa Nova	16
<u>Fibonacci</u> Janaína Mello Landini	21
<u>Cru e cozido, ao mesmo tempo</u> Ana Kiffer	26
<u>Jardim Zoológico</u> André Lage	32
<u>Isto é Adam Smith</u> Bhuvi Libanio	34
<u>Liturgia</u> Kaio Carmona	36
<u>Entrudo</u> Carlos Barroso	38

Não estamos sós
(Poemas no afastamento e depois) **40**

Everardo Paiva de Andrade

Carbono **46**

Boave

O Range-Rede **49**

Marta Mega

Lá fora (letra para uma música) **53**

Mahx

Poemas ininteligíveis **58**

Marcelo Kraiser

Para casa **61**

Rafael Amorim

Simanimagenias **64**

Gastão Frota

A última flama da casa **66**

Lucia Castello Branco

Os supercílios de Frida **69**

Patricia Orfila Barros dos Reis

O céu ainda é azul **74**

Pablo Pires Fernandes

O vendedor de mapa nunca sua /
O último trago/ são muitas lives no instagram **78**

Marta Neves

O ano do corvo **85**

João Alfredo Costa de Campos Melo Júnior

Box 12 **89**

Laerte

Flores de papel **91**

Michelle Valéria Macedo Silva

Tinha um coronavírus no meio do caminho **96**

Isabel Lustosa

Ecos da história **105**

Sébastien Rozeaux

As good as it gets ou Bem-vindos ao novo normal **109**

Maria Paula Paes

Quando chegou o tsunami **115**

Kaori Kodama

Um diário de quarentena em Paris **122**

Everton Vieira Barbosa

Inventário de saudades **129**

Thais Rocha da Silva

<u>Solitude</u>	133
Ricardo Alexandre	
<u>Telegram</u>	135
Abilio Rodrigues	
<u>Timeline</u>	143
Jurandir Malerba	
<u>O tempo não tem mais hora marcada</u>	148
Álvaro Pereira do Nascimento	
<u>Obra embargada 2020</u>	154
Jefferson Medeiros	
<u>O vírus e o imprevisível: notas na epidemia</u>	158
Henrique Espada Lima	
<u>Pile</u>	167
Dolores Bossuyt	
<u>Voltar para casa / Os livros que não li</u>	170
Isabel Travancas	
<u>Ser zen</u>	175
Antony Henrique Tomaz Diniz	
<u>Notas sobre o nada</u>	184
Altino Filho	
<u>Como andam os trabalhadores da música?</u>	189
Eulícia Esteves	

Na Casa da Teresa **193**
Andréa Cristina de Barros Queiroz

Encontros dentro de casa **198**
Carlos Falci

A vizinha **204**
Fabiana Salles

Odara **208**
Cláudia Dias

O constrangimento de sentir
medo e tristeza entre amigos **212**
Claudiane Torres da Silva

Carta de Capoeiras **216**
Eudes Belo

Sem título **220**
Fernando Cardoso

O mal de Guillaume Le Bé **222**
Henrique Lee

Sexta-feira da Paixão **228**
Marise da Silva Mattos

(3D) **234**
Rafo Castro

Botão **236**
José Lopes Agulhô

- Flores na pandemia **239**
Lucilia de Almeida Neves Delgado
- o sol que me cabe **244**
Laura Guimarães Corrêa
- Um sábado de sol **247**
Maria Paula Nascimento Araújo
- Cineclube e trabalho **252**
Luiz Henrique Assis Garcia
- Quarentena e a primeira sala de reunião virtual **255**
Luzimar Soares Bernardo
- O homem é o lobo do homem... e do cão! **260**
Marcel de Almeida Freitas
- Quaren...tecendo **268**
Mônica Olender
- Desvio para o azul (do medo,
fabulações e memórias) **270**
Monica Pimenta Velloso
- Dezesseis **277**
Rosângela Sampaio
- O apartamento **282**
Renato Coutinho

<u>Crônica mínima</u>	285
Luciana Heymann	
<u>Da minha particular pandemia</u>	289
Marjorie Marona	
<u>Poema pandêmico</u>	293
Anamaria Alves	
Fermentação natural e pandemia: <u>o tempo lento da vida</u>	297
Karla Guerra	
<u>Na gangorra entre a cozinha e a biblioteca...</u>	302
Cláudia Viscardi	
<u>Certo / Vai passar / Brazil / Dentro/Fora</u>	307
Allan Sieber	
<u>Analogias: por que não?</u>	312
Monica Grin	
<u>Notas sobre o desentendimento</u>	318
Américo Freire	
<u>Algumas palavras mais...</u>	321
Daniel Ganem Misse	
<u>O vírus e o genocida</u>	325
Jayme Ribeiro	

<u>Não sou coeiro</u>	329
Beto Bianchi	
<u>A pandemia e o xucrismo [com CH]</u>	331
José Newton Coelho Meneses	
<u>A Covid-19 e a pandemia dos imbecis</u>	339
Libania Xavier	
<u>Teatro da tortura</u>	342
Carolina Ruoso	
<u>Isto não é uma guerra pela vida e o vírus não é democrático</u>	348
Sílvia Correia	
<u>Covard-17 / Vírus ignorância / Vidas negras importam</u>	353
NoGenta Street Art X Contraconsciência	
<u>Oniriopolítica e necropolítica em tempos de confinamento social</u>	358
Pedro Castilho	
<u>A vida não me assusta nem um pouco: genocídio negro em dias pandêmicos</u>	362
Luciana Brito	
<u>Reflexões sobre o racismo em tempos de pandemia</u>	368
Maria Clareth Gonçalves Reis	

Penumbra - Muitas formas de se falar sobre racismo **373**

Panmela Castro

Memória de uma favelada **378**

Maria Alice Balbino

Miguel **382**

Paulo César Gomes

Pandemia, isolamento social e trabalho doméstico **386**

Fabiane Popinigis

O dia em que eu transbordei **393**

Ana Maria Mauad

Militância e vizinhança: a vida política que se vive da janela **397**

Carmen Castro

Curupaiti Vila 1 Casa 17 Taquara / Jacarepaguá **405**

Valéria Guimarães da Silva

Teresinha de Covid **408**

Renata Otto Diniz

Isolamento / Timeline / Graffiti / Agenda / Ministério da Saúde / Genocida **417**

LOR

Carta para minha avó Joana **423**

Daniela Yabeta

<u>Corrente de retorno</u>	428
Mulambö	
<u>Na perspectiva das janelas</u>	431
Mario Brum	
<u>Síntese emblemática fora de contexto</u>	435
Bruno Pelego	
<u>tentativas-notícias do brasil suicidário</u>	437
Christina Fornaciari	
<u>5.5 ou 5 de maio, respira!</u>	440
Valmir Aleixo	
<u>Recall pandêmico</u>	445
Larry Antha	
<u>Quarentena com Ive</u>	449
Wilson Domingues	
<u>Sob a luz da Lua</u>	451
Fernando Vale Castro e Marcelle Dinis Castro	
<u>O dia mais doido do ano</u>	455
Gabraz	
<u>Ao fazer chá</u>	460
Carla Maia	

Ora-pro-nóbis / Maria Pureza **465**

Ana Bia

Mar azul **471**

Diana Sandes

Sobre os autores **477**

Isto não é uma
guerra pela vida e o
vírus não é democrático

Silvia Correia

Rio de Janeiro, 15 de junho de 2020

Desde o início da pandemia, testemunhamos a recorrente beborreia do discurso de guerra na boca dos “líderes” políticos. São expressões como: “estamos em guerra”; “vírus chinês”; “orçamento de guerra”. Em suma, chegam aos nossos ouvidos discursos sobre sacrifícios em prol da economia “nacional”.

Diria que o discurso de guerra agrada ao cidadão, mais ou menos bem-intencionado, que vê nestes momentos de estado de exceção uma certa ordem da coisa sua, ou porque simplesmente os tempos de paz são afinal uma exceção das ditas sociedades modernas. A guerra contra o inimigo – não necessariamente externo ao “corpo nacional” – não é nova, é aliás jargão da gesta diária da coisa sua. Do controle das economias ao controle dos corpos, a pandemia só permitiu acentuar práticas de autoritarismo há muito aceites, comuns em alguns lugares e, definitivamente, corriqueiras para largas faixas de sociedades profundamente desiguais. Dizer que este vírus é democrático é tão falacioso quanto dizer que há democracia. Coloque-se as perguntas: quem tem que encarar a rua para trabalhar?; quem tem acesso às condições de saúde?; quem terá acesso ao milagre da vacina?! Afinal, na vida e na morte nunca seremos iguais.

A meu ver o que está em questão não é a formulação de discursos de guerra. A guerra (clássica ou de tipo novo, embora não concorde totalmente com a proposta de Mary Kaldor) não é a exceção, mas a norma. A violência armada contra o inimigo – interno ou externo – da comunidade nacional sempre esteve aí. A guerra é a política por outros meios diria Clausewitz; a guerra é a síntese da violenta experiência colonial diria Tarak Barkawi.

Perguntada, a propósito de um debate, porque a pandemia – uma crise humanitária global – convoca uma lógica da guerra? Fiquei matutando porque isso não me havia chamado a atenção até esse momento. Aliás, nenhum dos discursos claramente mobilizadores deste jargão me chamaram à atenção. Não porque estude guerra e já tenha esse tipo de discurso *normalizado*, mas porque nada de novo me pareceu surgir daqui.

O contexto de pandemia – de ameaça à vida – autoriza formas de autoridade que, em outros contextos, não seriam – aparentemente – legítimas. Lógicas de absoluto controle/uso das vidas em prol de uma causa que, em última instância, aqueles que controlam o discurso e a esfera pública conseguem hegemonizar.

Entendemos que uma grave crise de saúde pública coloca na mesa a necessidade – ou desejo – de soluções mais extremas, mas não seria mais adequado aquelas medidas que preservam o valor da vida e não aquelas que partem de lógicas antagônicas de destruição/seleção? O medo da epidemia – do contágio (Giorgio Agamben) – intensifica o isolamento individual (não esqueçamos o que é fundamental para a manutenção do Poder a ocupação da arena pública) e abre espaço para o sistema *tecnototalitário* e/ou do velho modelo da “eficiente” gestão pela burocracia (Hannah Arendt). O apelo

à (des)mobilização absoluta para o controlo das estruturas e dos corpos para uma imunização do corpo nacional (Paul Preciado). É preciso eliminar o vírus em nome da vida: a guerra passa a ser pela maior e mais legítima das causas, aquela da vida. Mas o que significa “vida” é a questão. Um contrassenso, mas que serve a quem controla.

Longe de uma discussão ontológica, existem vidas que sequer são enquadradas como vidas, passíveis de ser categorizadas como vidas precárias no entender de Judith Butler, aquelas que os estados enquadraram como passíveis de cuidado e proteção e, em última instância, passíveis de luto. Cabe aqui perguntar: quem assume a linha da frente nesta guerra? Quais corpos garantirão a imunização da “comunidade nacional”? *In extremis*, como ou quais vidas não produtivas (maioria de grupos de risco), ao cuidado dos cuidadores – sendo justa, cuidadoras – vão ser elevadas à condição de vida precária? Não se trata de uma guerra pela vida, mas por aquilo que é passível ou não de ser considerado vida, que é passível ou não de luto. Em síntese, trata-se de uma perpetuação da política da morte, da necropolítica de Mbembe. Trata-se da condição permanente das nossas sociedades. Sempre estivemos e estamos em guerra.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- ARENDT, Hannah. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- BARKAWI, Tarak. “Decolonizing war”. *European Journal of International Security*, v 1 n. 2, p. 199-214, 2016.
- BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CLAUSEWITZ, Carl Von. *On War*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1995.
- KALDOR, Mary. *New and Old Wars*. California: Stanford University Press, 1999.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 Edições, 2018